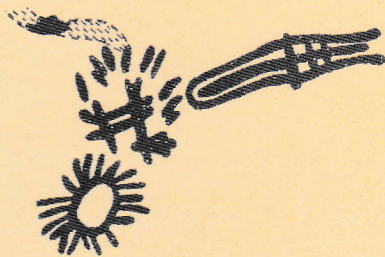


AFRICALEMA



JOSÉ LUÍS MENDONÇA

nossonos

CANÇÃO DO LABIRINTO

Cabeças de polícias no meu bolso
percorrem labirintos batidos pelo esterco
da manhã. Sobre camas de acetileno crescem
crianças de betão e pedras na boca
dos pássaros exumam o tantã citadino.
Latas de água vertem homens
de cigarro no olhar estivadores eleitos
presidem à república da noite varões
de arame farpado põem a mão na alma
e do seu olhar roído pelas formigas
caem cidades de ouro fino mucubais vendidos
por dez *mausers* que ainda não
havião conhecido o sabor da carne humana.

CHUVA DE SETEMBRO

A pantera da noite electriza os teus dedos
e um povo maiombola se levanta, minha mãe
sobre a terra muito ardida dos teus dedos.

Um povo de mármore que a nitroglicerina
esculpiu dentro dos novos nomes do mito
enquanto a chuva indígena do teu coração
lavava o olhar surdo de Lenine, minha mãe
nas subterrâneas cabeças da praça.

A pantera da noite electriza os teus dedos
e a raiz do tempo sangra, minha mãe
sobre a lua muito ardida dos teus dedos.

COM OS PÉS DA ARTE E A BOCA DA ARTE

Alço a mandíbula de terra proscrito cidadão
de um país em voo onde já não
perfuma a madrugada o exímio gesto
de um povo ardido na sua tumba enorme
Só as pedras vivem e caminham
com os pés da arte e comem e bebem
pela boca da arte e o seu vinho luminoso
inunda o sol absoluto de aerodinâmicas mães
tão suavemente até ao osso da memória

OH FOLHAS DE SANGUE PISADAS NA CIDADE DO AMANHÃ

Oh folhas de sangue pisadas na cidade do amanhã
acendei na vossa boca uma costela mercantil
e tomai assento à mesa desta ígnea canção
Vossa alma beduína quebra a lança
na volátil idade de um dinossauro
em erupção Fósforos de água enquanto o vento
galopa a lepra dos poentes na velha calçada
dos olhos das crianças Anjos de ébano sentados
[sobre a alma
da vida fígada a olho nú Navios
da noite que pariu o nado-morto hoje